

JOSÉ PINTO PEIXOTO • LUIZ MARIA DA CAMARA PINA • ANTÓNIO
JORGE ANDRADE DE GOUVEIA • JOSÉ TOSCANO RICO • MANUEL
JACINTO NUNES • JACINTO DO PRADO COELHO • FERNANDO DIAS AGUDO

COMEMORAÇÕES
DO
II CENTENÁRIO DA ACADEMIA
DAS
CIÊNCIAS DE LISBOA



PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
LISBOA • 1995

no repositório do que de valor aparece no meio científico português, mas essencialmente e como já está acontecendo, seja o meio criativo resultante do encontro e da concentração de esforços de que é capaz a pleiade de cientistas de que o País dispõe. Que assim seja.

Ao terminar, parafraseando e de certa maneira seguindo o nosso Garcia d'Orta, dir-lhes-ei que só pretendi relatar a verdade, dizer o muitíssimo pouco que sei, e exteriorizar um misto de entusiasmo, de esperança, mas também de incerteza nos caminhos da Ciência em Portugal.

DISCURSO PROFERIDO PELO ACADÉMICO PROF. DOUTOR JOSÉ TOSCANO RICO

Quando se consultam os escritos antigos da Academia, desejando relembrar, com respeito e saudade, os assuntos mais interessantes da sua larga história, verificamos que os aspectos médicos foram sempre muito importantes e por isso constituíram temas relevantes das suas preocupações.

Coube-me, por decisão da Classe, a missão de falar destes temas, para demonstrar a valiosa atenção que a Academia sempre lhes dedicou e o esforço das meritórias e sábias iniciativas que tanto contribuíram para o progresso das Ciências Médicas e para o bem da Saúde Pública.

Começarei pela citação da vacina anti-variólica que Jenner tinha descoberto em 1798 e cuja eficácia extraordinária no combate à varíola a conduziu a uma rápida difusão por todo o mundo onde havia a possibilidade de a aplicar. Em Portugal foi utilizada no ano seguinte num Hospital de Lisboa e em 1804 criou-se mesmo um Instituto vacínico em Coimbra. Mas esta primeira tentativa não progrediu por várias razões e só mais tarde, em 1812, foi fundada em Lisboa, nesta Academia das Ciências, uma Instituição Vacínica, como assim foi chamada.

Merece a pena reproduzir as seguintes palavras de Bernardino António Gomes, médico e Sócio da Academia, pronunciadas na «Compilação Histórica dos Trabalhos da Instituição Vacínica», efectuada na sessão pública da Academia Real das Ciências, em 24 de Junho de 1813: «Tendo quasi todas as Nações da Europa verificado e acolhido com o devido entusiasmo a anti-variolosa descoberta do Dr. Jenner, e começando já muitas Nações ou Povos menos civilizados da Ásia, da América e da África mesmo, a gozar do beneficio da vacina, a Academia Real das Ciências, que não se ocupa senão em promover, quanto cabe nas suas faculdades, o progresso das Sciencias, e por meio destas o bem da Nação, não podia ficar insensível sabendo que a Vacinação, a qual nos saudosos tempos da residência de S.A.R. nesta cidade tinha vogado

muito nela, depois da memorável mudança da Côrte para o Rio de Janeiro tinha decaído tanto entre nós, que pouco menos se achava que aniquilada. Assim bastou que na Sessão ordinária de 8 de Abril, tendo eu a honra de dirigir por um pequeno discurso a atenção desta Academia para a decadência daquele ramo da Hygiene Pública, lhe sugerisse a idea da criação do que hoje se chama Instituição Vacínica, para ser apoiado na minha proposta quasi afrouxo por todos os Membros da Sessão. Resolveu-se em consequência que, para melhor se deliberar sobre este objecto, se convocasse uma Sessão extraordinária dos Sócios da Academia da Profissão Médica. Acháram-se nessa sessão os Snrs. Francisco Soares Franco, Francisco de Mello Franco, José Martins da Cunha e eu. O resultado dela foi o que era de esperar-se de homens cheios de luzes (falo dos meus Colegas), e de homens com vivos sentimentos de humanidade e patriotismo (falo agora também de mim)».

Foram primeiro vacinados os órfãos da Casa Pia, que tiveram autorização superior para receber a vacina na própria Academia. E depois a vacinação estendeu-se por todo o País, com admirável colaboração de todos os médicos que nela participaram.

Bernardino António Gomes cita os resultados dos tratamentos efectuados durante um trimestre em que esteve como secretário da Instituição, em cujo período a Vacina foi introduzida em Valença do Minho, Cerva, Murça, Peniche, Évora, Vila Viçosa, Veiros, Vila Nova de Portimão, Silves, Lagoa e Alvor, mostrando como o emprego da Vacina se estendia rapidamente a todo o território nacional.

O número de vacinados no primeiro ano pela Instituição e seus Correspondentes subiu a 3323 e o Autor manifesta a sua satisfação escrevendo: «Glória à Academia, que criou e mantém uma obra filantrópica, e tão útil ao Estado, a Instituição Vacínica; e glória e honra aos Médicos e Cirurgiões que em despeito dos seus interesses, tem tomado parte na sua benéfica e gloriosa empresa», e continua pedindo desculpa de ao discorrer assim, como Membro da Academia, manifestar uma pouca de vaidade.

Em 1817 o número de vacinações feitas no País elevava-se já a 17.000, e de 1813 a 1821 foram inoculadas 90.065 crianças só em Lisboa. A Instituição Vacínica de tão gloriosa memória manteve-se em plena actividade até 1835, data em que cessou as suas funções independentes e passou a fazer parte da Junta de Saúde Pública do Reino.

O Dr. Augusto da Silva Carvalho, meu antecessor na Cadeira que tenho a honra de ocupar e que foi, sobretudo na parte final da sua vida,

um historiador insigne das coisas médicas em Portugal, expondo o assunto da Vacina anti-variólica afirma: que se fez muito mais em Portugal do que as corporações científicas semelhantes fizeram nos outros países, e volta a enaltecer estas actividades dizendo: «Que a Academia Real das Sciencias de Lisboa e a Sociedade das Sciencias Médicas da mesma cidade constituem as duas mais brilhantes e beneméritas associações médicas portuguesas a quem cabe a honra e a glória do melhor que no nosso País se fez no século XIX a bem da saúde pública e da instrução médica.»

Um dos trabalhos mais valiosos de Silva Carvalho, pela notável contribuição histórica produzida, foi o que trata de Garcia de Orta.

Garcia de Orta, célebre autor dos *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*, de mérito e reputação mundiais, é estudado por Silva Carvalho com profundo cuidado, citando pormenores importantes da biografia do Grande Homem de Ciência. Foi assim conhecida a terra da naturalidade de Garcia de Orta, a formosa Castelo de Vide, e os motivos da sua deslocação à Índia, bem como uma descrição dos costumes do tempo e da vida social de Goa, etc.

A Academia resolveu fazer uma reedição dos *Colóquios*, anotados e comentados pelo Conde de Ficalho, e promover a sua publicação.

Em 24 de Maio de 1963 reuniu-se uma sessão solene comemorativa do IV Centenário do aparecimento em Goa dos *Colóquios dos Simples* de Garcia de Orta. O título original da obra era «Colóquios dos Simples e drogas e cousas medicinais da Índia e assim de algumas frutas achadas nela, onde se tratam algumas cousas tocantes a medicina prática e outras cousas boas de saber, compostas pelo Doutor Garcia de Orta, fisico d'El-Rei Nosso Senhor, etc.» É o que se lê no frontispício da obra impressa em Goa aos 10 dias do mês de Abril de 1563. Governava o Reino o Cardeal D. Henrique, na menoridade de D. Sebastião, e era Vice-Rei da Índia o Conde do Redondo.

As *Memórias da Academia*, do século XIX, estão ainda repletas de comunicações e estudos sobre a Flora e Fauna das nossas antigas colónias, desde o Brasil às Províncias Africanas e ao Extremo Oriente como se vê nos trabalhos de J. V. Barbosa du Bocage, de Felix Brito Capelo, Pereira Guimarães, Baltazar Osório e Bettencourt Ferreira, por exemplo, para a fauna, e do Conde de Ficalho para a flora. Alguns trabalhos com drogas medicinais foram devidas a B. A. Gomes.

Mas, cingindo-nos à evolução e progresso dos conhecimentos médicos, vemos florescer nessa época do final do século XIX e durante o

século XX uma era nova em Portugal. Muitos dos investigadores que nela brilharam foram professores notáveis de Medicina e membros desta Academia que ilustraram e enriqueceram com a sua investigação e o seu saber.

Seguiremos a exposição lembrando primeiro os anatómicos e os investigadores das ciências básicas, e depois, sucessivamente, os clínicos das várias especializações.

Começarei com Henrique de Vilhena, Professor ilustre de Anatomia, pensador e esteta, elogiado por Júlio Dantas ao presidir à sessão plenária onde foi lido o elogio histórico pronunciado por Maximino Correia, que sucedeu a Vilhena na Academia. Henrique de Vilhena foi notável nos estudos anatómicos, criando uma Anatomia portuguesa de concepção variacionística, como a designou Maximino Correia. Autor de numerosos e excelentes trabalhos de Anatomia, criou os valiosos *Arquivos de Anatomia e Antropologia* que levaram a todo o mundo culto os trabalhos anatómicos portugueses.

Maximino Correia, antigo Reitor da Universidade de Coimbra e figura notável de Professor distintíssimo, com uma larga folha de brilhantes serviços prestados à sua Universidade, com a publicação de numerosos trabalhos científicos essencialmente de natureza anatómica, e com a sua notável dedicação à estruturação da Cidade Universitária de Coimbra. Dotado de grande sensibilidade e extremamente bondoso, conquistou numerosas amizades. Para melhor ser conhecida a personalidade de Maximino Correia, cito Amorim Ferreira, ao falar no seu discurso sobre o homenageado: «O Senado Universitário de Coimbra decidira, sob proposta do Reitor Maximino Correia, promover a publicação fac-similada da edição *princeps* dos *Colóquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia*. Desconheciam então, quer o proponente quer o Senado, que decisão igual fora anteriormente tomada pela Academia das Ciências de Lisboa. Conhecedora desta iniciativa, logo a Universidade de Coimbra desistiu da sua, e o Reitor comunicou-o ao Presidente da Academia dizendo: «O Senado só tem que regozijar-se com o facto de ser a Academia das Ciências a promover a publicação fac-similada da primeira edição dessa Obra», e Amorim Ferreira termina chamando a atenção para as palavras amáveis e para a elegância de espírito de quem as subscreveu.

Do grupo anatómico ressalta ainda a figura notável de Victor Fontes, há pouco falecido, que todos conhecemos e cuja memória admiramos e exaltamos. Foi assistente e depois sucessor de Henrique Vilhena na

cadeira de Anatomia, prestigiando o ensino dessa disciplina, mas o maior realce para a sua actividade científica resulta da dedicação à Psicologia e Psiquiatria da Infância. Foi criador e reorganizador do célebre Centro de Estudos Psicológicos e de Saúde Mental Infantil, o Instituto António Aurélio da Costa Ferreira.

Barahona Fernandes, ao fazer o elogio de Victor Fontes, fala também da criação do Dispensário da Higiene Mental da Infância, da sua participação em Congressos da especialidade, e considera que o seu nome ficará na História da Psiquiatria em Portugal, como criador do seu ramo infantil.

De entre os ilustres membros da Academia, que se distinguiram na investigação das ciências básicas da Medicina, surge o nome ilustre de Celestino da Costa, Presidente da Classe de Ciências e professor distintíssimo de Histologia e de Embriologia da Faculdade de Medicina de Lisboa. No início da sua carreira académica contactou com Aníbal Bettencourt, Sílvio Rebelo, Carlos França e outros que com ele almejavam por uma reforma médica cujo estudo o Conselho da Escola Médica havia iniciado em 1910. A reforma criava novas cadeiras, como a de Histologia e Embriologia à qual concorreu com um trabalho sobre Histofisiologia das glândulas de secreção interna. Os primeiros anos passou-os já no Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina, fundado em 1912, que todos recordamos com saudade e veneração pelo muito que nele aprendemos.

Celestino da Costa desenvolveu uma grande actividade didáctica, publicando muitos livros de estudo sobre Histologia e Embriologia, de renome internacional. Foi Vice-Presidente da Junta de Educação Nacional e seguidamente Presidente do Instituto de Alta Cultura, lugares que eram desempenhados por cientistas de reconhecido mérito.

Merece também uma citação especial toda a sua actuação na reforma do ensino médico, em que demonstrou possuir as qualidades indispensáveis para a execução de tão delicado objectivo, manifestando o conhecimento perfeito dos problemas deste ensino e das suas dificuldades e a sólida maturação duma experiência observada nos países estrangeiros e vivida com interesse e isenção no próprio país.

Faleceu em Lisboa inesperadamente, em apoteose, como disse Júlio Dantas, no decorrer do Congresso Médico Internacional do qual Celestino da Costa era Presidente, deixando colegas e amigos profunda e dolorosamente impressionados.

Na sequência natural das disciplinas que escolhi para abranger numa forma metódica os temas médicos que foram apresentados na Academia, devo incluir agora a Farmacologia.

A Farmacologia experimental aparece na continuação da antiga matéria médica quando os cientistas descobriram meios de analisar e interpretar os mecanismos de acção dos fármacos, elucidando os efeitos que produzem sobre o organismo, os seus merecimentos terapêuticos e as não menos importantes acções tóxicas que são capazes de exercer. Sem esta investigação não seria possível adquirir os conhecimentos necessários para aplicar correctamente uma terapêutica medicamentosa, nem seria também possível sintetizar novos medicamentos providos do necessário tipo de actividade. Em Portugal coube a Sílvio Rebelo o mérito de inaugurar esta nova orientação. No elogio que proferi na sessão de homenagem promovida pela Faculdade de Medicina de Lisboa e pela Sociedade de Biologia em 1943, acentuei que: «O número e o valor dos trabalhos realizados, o rigor e a perfeição técnica da sua execução, a importância dos temas estudados e das conclusões obtidas, atestam as superiores qualidades de investigador de Sílvio Rebelo e conferem-lhe o título, acima de tudo glorioso nas Ciências Farmacológicas Nacionais, de fundador da Farmacologia experimental no nosso país.»

Tive a honra de ser seu imediato sucessor. Esta sucessão trouxe-me a responsabilidade de dar ainda maior impulso à investigação farmacológica. Lembramos alguns trabalhos que no sentido da Farmacologia experimental tivemos oportunidade de realizar. Cito, por exemplo, os estudos sobre anti-helmínticos, alguns em colaboração com Armijo Vallenzuela que viera a Lisboa preparar connosco o seu concurso para Professor de Farmacologia em Madrid. Noutra orientação começámos o estudo dos mecanismos determinantes da inactivação da adrenalina no organismo, com a colaboração de Malafaya Batista, então assistente no Porto, que viera a Lisboa trabalhar connosco para preparar também o seu doutoramento. Os resultados obtidos foram muito importantes e de grande repercussão científica. Esta vinda de Malafaya Batista foi o ponto de partida para o desenvolvimento da Farmacologia Experimental no Porto, com os seus colaboradores, os Professores Almeida Garrett e Walter Osswald.

Em Lisboa foram estudados entretanto outros assuntos importantes, como os antagonismos iónicos entre o cálcio e outros iões, ou os antagonismos entre sulfamidas e outros compostos. Fomos também, com o

nosso colaborador Prof. J. M. Gião T. Rico, actual catedrático de Farmacologia na Faculdade de Medicina de Lisboa, iniciadores do emprego de radionuclídeos no estudo da permeabilidade vascular. Esta investigação com os radionuclídeos deu lugar a numerosas comunicações, algumas delas a esta Academia, por exemplo, o estudo da acção das prostaglandinas PGE₁ e PGE₂.

Gião T. Rico, que teve também uma grande preparação de Farmacologia experimental em Oxford, com Paton, tem publicado muitos trabalhos sobre o papel do ião cálcio na acção de vários fármacos, e ainda recentemente tratou, em sessão desta Academia, da termodinâmica de determinadas acções farmacológicas sobre o músculo liso.

Desejamos ainda fazer referência ao Prof. Peres Gomes, nosso antigo primeiro-assistente e depois Catedrático de Farmacologia na Universidade Nova de Lisboa. Peres Gomes, para além da sua actividade como investigador, pôde em certa altura organizar um esplêndido laboratório de Farmacologia experimental no Instituto de Ciência da Fundação Calouste Gulbenkian.

Esta Escola de Investigação Farmacológica, iniciada no Instituto de Farmacologia de Lisboa por Sílvio Rebelo, foi assim o ponto de partida para uma ramificação por outros laboratórios e para o desenvolvimento da investigação farmacológica em Portugal.

Voltando-nos para assuntos de natureza diferente, pareceu-nos útil mencionar desde já as actividades de Azevedo Neves com a sua dedicação pela Medicina Legal. Foi Director da Faculdade de Medicina de Lisboa, Membro do Conselho de Medicina Legal, Reitor da Universidade Técnica e Ministro e Secretário de Estado do Comércio e dos Negócios Estrangeiros. Vê-se assim a grande complexidade de funções que foi chamado a exercer. Foi eleito membro efectivo da Academia em 1924, para a cadeira de Gama Pinto.

Escreveu trabalhos científicos sobre o método de Finsen para o tratamento do Lupus vulgar e livros didácticos sobre a «Prática de Autópsias: técnica e diagnóstico». Criou os *Arquivos de Medicina Legal* e publicou Tratados de Medicina Legal e Polícia Criminal, assim como trabalhos sobre a luta contra os estupefacientes na Itália e depois na Áustria. Inaugurou a luta contra o Cancro em Portugal, que depois foi seguida com grande brilho por Francisco Gentil. E como maior glória também, criou o Instituto de Medicina Legal.

Lembro ainda outros Académicos como Jorge Horta, professor de Anatomia Patológica e sócio correspondente da Academia, na qual

apresentou várias comunicações. Fez também trabalhos muito valiosos sobre as reacções dos indivíduos ao Torotrast.

Salazar de Sousa, Professor de Pediatria, tem várias comunicações interessantes, por exemplo, sobre anemias aplásticas em crianças.

Costa Sacadura, Professor Catedrático de Obstetrícia na Faculdade de Medicina de Lisboa, autor de mais de 250 trabalhos científicos e de história. Foi ele que propôs à Academia a celebração do 4.º centenário da edição «princeps» dos *Colóquios* de Garcia de Orta.

Belo de Moraes, Catedrático de Medicina Operatória e autor de vários trabalhos de Cirurgia.

Aleu Saldanha, Catedrático de Radiologia, com trabalhos notáveis sobre a patologia da Adipose.

Aires de Sousa, Catedrático também de Radiologia e autor de numerosos trabalhos clínicos e experimentais sobre temas da sua disciplina.

Jaime Celestino da Costa, Catedrático de Cirurgia e autor de vários trabalhos científicos e de um óptimo elogio de Reinaldo dos Santos, publicado nas *Memórias da Academia*.

António Flores, sucessor de Miguel Bombarda, Júlio de Matos e Sobral Cid na série de neuropsiquiatras que foram orientando a Escola de Lisboa, precedera por sua vez Barahona Fernandes. Trabalhou em Berlim no Instituto Neurobiológico de Oskar Vogt, mestre eminente da cito-arquitectónica cerebral. Foi Director e organizador do Hospital Júlio de Matos. Eleito em determinada altura Bastonário da Ordem dos Médicos, defendeu no exercício das suas funções o valor transcendental do acto médico, único e privado, que nenhuma regra ou legislação pode aflorar. Foi esta a doutrina que António Flores, Bastonário da Ordem, legou aos seus sucessores.

Outros membros da Academia tornaram-se também notados pelo relevo e importância extraordinária da sua actuação e esforço na evolução do progresso científico que fez vibrar a Academia na sequência das descobertas de Egas Moniz, quer da Angiografia Cerebral, quer da Leucotomia frontal. Esta última foi distinguida e exaltada com a atribuição do Prémio Nobel de Medicina, o maior galardão actualmente concedido aos investigadores. Ambas as descobertas são de um alto valor científico e conduzem a êxitos clínicos que anteriormente não eram conhecidos.

Egas Moniz iniciou estas investigações, orientou-as e fê-las progredir com vontade e entusiasmo inexcedíveis. O êxito em ambas alcançado foi também o resultado de uma colaboração dedicada, atenta e alta-

mente eficaz. Egas Moniz podia imaginar a evolução da pesquisa, mas não podia, por várias razões, executar todas as intervenções cirúrgicas, quer no animal, quer no Homem, sem a preciosa colaboração do seu distinto e valioso discípulo, o Prof. Almeida Lima. Almeida Lima, antigo presidente da Academia e agora emérito, foi, não simplesmente um colaborador, mas o colaborador que permite atingir os resultados desejados e por isso partilha, legitimamente, com Egas Moniz, da glória das suas descobertas. Como afirma Barahona Fernandes, Almeida Lima pode ser considerado o fundador da Neurocirurgia em Portugal. Em 1953 contava já mais de 2000 intervenções de grande cirurgia e mais de 3000 angiografias cerebrais.

Embora a angiografia tenha uma importância clínica maior pelo número e variedade de situações em que é utilizada, como adiante se verá, começaremos por falar da Leucotomia frontal, pela sua originalidade e arrojo do conceito teórico, pelo rigor da técnica cirúrgica que a intervenção exige e pelo progresso e novidade que em muitos sentidos trouxe à Psiquiatria. A leucotomia foi sem dúvida um marco miliar na história da Medicina. A sua criação exerceu uma influência profunda no pensamento médico, filosófico e moral, como salientou Walter Friedmann, um apologista da leucotomia, na sua exposição sobre a Psicocirurgia e a Moral Médica, pronunciada na sessão solene inaugural da semana de Egas Moniz, em 4/12/1956.

Consiste numa intervenção cirúrgica delicada por levar à destruição do tecido cerebral vivo, na zona central do lobo frontal. As objecções foram muitas, vacilando muitos médicos perante o velho axioma «*primum non nocere*». A intervenção foi muito polémica, suscitando diversos tipos de objecções desde as de Sobral Cid que negava qualquer cura, às do Prof. Baruk que chegou a escrever sobre «um grave problema da moral médica». Nos Estados Unidos afirmou-se que a Lobotomia muda sempre aspectos da doença, de um estado funcional curável para uma doença orgânica incurável. Na Alemanha o Prof. Kleist condenava-a também e na URSS a psicocirurgia foi proibida por um decreto do Ministério da Saúde Pública, como conta W. Friedmann.

Contrariamente, em vários centros clínicos, a intervenção foi ensaiada e por vezes com grande variedade de pormenores. A dificuldade era determinar com segurança a topografia das lesões produzidas. A intervenção foi o ponto de partida também para uma série de investigações sobre a anatomia e a fisiologia cerebral, procurando reduzir ao

mínimo o risco operatório e favorecer a interpretação dos resultados obtidos.

Outro académico ilustre, Barahona Fernandes, com uma grande contribuição científica e humanista que a sua larga e profunda preparação em Psiquiatria lhe proporcionava, demonstrou sempre um grande interesse pelos resultados da leucotomia. Colaborou com Almeida Lima na observação dos doentes operados e na avaliação dos resultados obtidos.

Com os seus conhecimentos psiquiátricos, desenvolvidos ao longo de uma carreira científica e académica brilhante, não se satisfazia Barahona Fernandes com a interpretação corrente, teórica, dos resultados e apresentou uma interpretação original a que chamou «sintonização regressiva». Esta «sintonização regressiva» permitiria também orientar a psicoterapia post-operatória no sentido da recuperação dos doentes.

Ainda no âmbito das ciências neurológicas e psiquiátricas, Barahona Fernandes distinguiu-se pela contribuição que trouxe à terapêutica psiquiátrica, quer como impulsionador da terapêutica ocupacional, quer no uso da moderna terapêutica medicamentosa, com medicamentos psicotrópicos.

A profunda preparação psiquiátrica, colhida na Alemanha, favoreceu a sua actividade em Lisboa como Catedrático de Psiquiatria e Director do Hospital Júlio de Matos, tendo mostrado as suas capacidades criadoras em numerosas publicações de temas psiquiátricos e de outros que tem trazido à Academia.

O sucesso obtido com a angiografia cerebral, a que nos referimos há pouco, deu lugar à extensão do método a outras zonas do organismo e ao desenrolar de outra investigação notável e também cheia de sucesso, corolária da Angiografia cerebral, mas orientada por outros clínicos, membros ilustres também da Academia das Ciências. Foi como uma explosão de ciência, aperfeiçoando, com ideias novas, os métodos de diagnóstico existentes.

Egas Moniz, descreve na sua comunicação sobre «Subsídios para a História da Angiografia» os tópicos principais desta evolução.

Na primeira comunicação feita em Junho de 1927 à Sociedade de Neurologia de Paris, foi dado ao método a designação de Encefalografia arterial. Mais tarde firmou a designação de Angiografia, desde que notou a visibilidade das veias cerebrais na circulação de retorno, e foi esta a designação que subsistiu. A investigação seguiu com grande

intensidade e óptimos resultados, permitindo o diagnóstico de tumores cerebrais, hematomas, aneurismas, angiomas, etc.

O Prof. Petit-Dutaillés, da Faculdade de Medicina de Paris, citado por Egas Moniz, elogiou muito esta descoberta: «A inteligência, diz, nada é sem a imaginação criadora. Que belo exemplo sobre este aspecto nos dá a obra magnífica de Egas Moniz. Há poucos sábios que não apogeu da sua carreira possam reclamar duas descobertas tão geniais como a Angiografia cerebral e a Psicocirurgia.»

Também em Portugal se elevaram vozes laudatórias e Professores ilustres analisaram em termos entusiásticos o trabalho de investigação e os resultados obtidos.

Reinaldo dos Santos diz: «Assim tenho muito prazer e honra em recordar que foi a primeira exposição de Egas Moniz que sugeriu o estudo e a aplicação da sua técnica à arteriografia dos membros, donde havia de sair, pouco depois, a aortografia, isto é, a aortografia dos órgãos abdominais. Foi ainda na mesma orientação de trabalhos que Lopo de Carvalho, com a colaboração de Egas Moniz, criou a angiopneumografia e que, por fim, estudos mais recentes desenvolveram a flebografia.

Paralelamente, no Porto, a Escola de Hernâni Monteiro com Alvaro Rodrigues, Sousa Pereira e Roberto de Carvalho, criaram a linfografia, sem falar nas aplicações da arteriografia a estudos experimentais de cirurgia do simpático. Originou-se assim, como diz Reinaldo dos Santos, uma Escola Portuguesa de Arteriografia, considerada hoje em todo o mundo como tal. E acrescenta que é a Egas Moniz como iniciador destes estudos que devemos a glória e o prestígio que hoje cabem a essa Escola Portuguesa que todo o mundo reconhece como a iniciadora e de mais longa autoridade neste capítulo essencial da anátomo-fisiologia, da semeiologia e da patologia vasculares.»

Sousa Pereira, da Universidade do Porto, mostrando o tronco da veia porta e os seus ramos intra-hepáticos, fez uma comunicação à Academia com o título: «A porografia e arteriografia hepática no estudo da circulação do fígado.»

Para comemorar as descobertas de Egas Moniz e o prémio Nobel que lhe foi conferido, a Academia resolveu promover uma série de sessões destinadas a enaltecer a memória do homenageado. Em 4 de Dezembro de 1956 iniciou-se no salão nobre da Academia a sessão inaugural da «Semana Egas Moniz», consagrada ao ilustre cientista e na qual se procurou erguer a toda a altura perante a Nação, como disse Júlio Dantas, a figura integral de Egas Moniz. Destas sessões

recordo com o maior interesse as intervenções de Almeida Lima falando sobre «As consequências da Angiografia Cerebral», citando estudos de Anatomia fisiológica conduzidos pela Angiografia, bem como as aplicações clínicas no diagnóstico dos tumores cerebrais, aneurisma, doenças vasculares e traumatismos cranianos. A outra intervenção que também desejo salientar foi de Barahona Fernandes que se referiu especialmente à Leucotomia frontal, cujas possibilidades terapêuticas analisou, mostrando o interesse das operações selectivas e localizadas, feitas com rigor técnico, que já não causavam sinais de regressão da personalidade.

Muitas e variadas foram ainda as comunicações feitas nas lições promovidas nos Altos Estudos e nas quais em 1960 se mencionaram a angiopneumografia e suas aplicações à interpretação das imagens radiográficas do tórax, por Lopo de Carvalho, as imagens do síndrome de oclusão da cava superior, por Ayres de Sousa, ou ainda a contribuição para o estudo da fisiodinâmica respiratória dos pulmões, por Carlos Vidal e Galvão Lucas, e ainda o valor da Angiopneumografia na Cirurgia pleuro-pulmonar. Outras investigações presentes em sessões da Academia mostraram o grande interesse da flebografia para o estudo da patologia venosa, a que Cid dos Santos se dedicou largamente. E também, pelo alto valor da sua contribuição, toda a investigação e aplicação clínica da aortografia feita por Reinaldo dos Santos e seus colaboradores.

Deste grande grupo de homens de ciência que justificaram pelas suas qualidades as palavras de admiração que lhes vimos dirigindo, distingo ainda a figura de Reinaldo dos Santos, muito ilustre na Medicina e nas Artes. Sucedeu a Moreira Júnior em 1954, na Academia das Ciências. Foi Presidente da Classe de Ciências, cargo em que sucedeu a Celestino da Costa, e Presidente da Academia em 1960-61 na sequência de Júlio Dantas. Esta rápida ascensão às funções mais importantes da Academia mostra o prestígio da sua personalidade e a admiração e simpatia dos seus Confrades. Personalidade dotada de um grande dinamismo que o levou, na medicina, à publicação de um grande número de trabalhos de natureza cirúrgica e urológica. Sem se dedicar sistematicamente à investigação científica, teve, no entanto, o mérito de visualizar pela primeira vez a aorta e as artérias periféricas na sequência da técnica usada por Egas Moniz para a Angiografia Cerebral. Reynaldo exerceu também uma influência notável na evolução da semiologia da aorta e dos vasos que estudou, difundindo com brilho e interesse nos meios estrangeiros a aortografia e a arteriografia dos membros e o seu alto valor semiológico.

Mas Reynaldo não foi apenas um médico distinto. A sua larga cultura artística levou-o também a dedicar grande parte da sua vida às Artes e às Letras, como o mostram as suas publicações de historiador e de crítico de arte na pintura, escultura, arquitectura, etc. Foi também uma das suas qualidades muito apreciadas a elegância do seu trato e do poder de comunicação que o tornaram sempre um conviva genial. Foi nomeado membro honorário de várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras. Medalha de Ouro da Sociedade Internacional de Urologia, em Viena, Doutor Honoris Causa de várias Universidades e Colégio dos Cirurgiões de Inglaterra, Comendador da Legião de Honra, Cavaleiro do Império Britânico, etc.

Esta rápida resenha de elevadas distinções dá uma breve imagem do prestígio internacional de Reynaldo dos Santos.

Termino agora esta exposição, que já vai longa, na qual percorri a passos bem largos alguns acontecimentos do tempo decorrido entre o início da Real Academia das Ciências de Lisboa e o momento actual, tentando recordar com saudosa admiração os valores que tanto contribuíram, no domínio da Medicina, para o prestígio da Instituição.

Tenho o vago receio de não ter sabido resumir melhor os altos méritos de todos aqueles que evoquei nesta alocução e peço também desculpa, como faria Bernardino António Gomes, de qualquer insuficiência ou esquecimento importante nestes 200 anos que acabam de passar.

Julgo, no entanto, ter dito o suficiente para poder saudar todos neste momento, dizendo bem alto: Glória a Egas Moniz e a todos os Académicos, quer clínicos quer não clínicos, que têm procurado na Medicina, com o saber, a iniciativa, o trabalho e a dedicação pela Ciência, elevar o nome da Academia e com ele o prestígio internacional da Nação.

E glória também às Universidade Portuguesas que durante a vida nos ensinaram, prepararam cientificamente e nos estimularam no trabalho de investigação, mostrando-se dignas do reconhecimento e do respeito a que legitimamente têm direito.

E sigamos sempre com entusiasmo e fé a legenda que nos orienta e anima:

«Nisi utile est quod facimus
stulta est gloria»